

A casa do Índio

Major JONATHAS CORREIA

Ao meu amigo Ten. Cel. Lima Figueiredo, historiador e geógrafo.

O governo federal, atendendo a uma patriótica solicitação que lhe foi feita, vai criar, dentro em breve, nesta capital, a Casa do Índio.

E, não há negar, uma realização de caráter altamente cívico e sobretudo útil aos interesses da defesa e do aproveitamento do nosso selvícola.

Já vai desaparecendo, felizmente, a mentalidade que considera o caboclo inapto para o trabalho.

Nada mais injusto, que revela um desconhecimento das grandes qualidades que possuem os descendentes dos primitivos habitantes do Brasil.

O índio, entre nós, foi e ainda é olhado como um ser exótico. Um bugre, perdido nas florestas, sem alma e sem inteligência. Incapaz. Mas a verdade é que nós não lhe conhecemos o espírito, o que ele já produziu, dono que é de um passado sugestivo, relíquia que conserva avaramente e defende do invasor branco. A contribuição indígena à nossa formação é grande. Várias foram as suas formas: do lar à língua.

A decantada luxúria do índio é simplesmente um motivo literário. Foi-lhe ensinada pelo civilizado e este, aproveitando a simplicidade e a ingenuidade do selvícola, desenvolveu-a com requintes inusitados.

Desde a chegada de Cabral que o índio se mostra útil. A questão é saber captar a sua confiança e a sua simpatia.

Anchieta, o nosso maior catequisador e quem primeiro estudou a língua indígena, publicando mesmo o primeiro vocabulário "Arte da Gramática da Língua mais usada na Costa do Brasil", dele escreveu ser "um elemento humano de alta valia quando bem compreendido".

Durante vários anos trabalhámos na Comissão de Limites do Setor Norte. Percorremos as fronteiras do Brasil com a Venezuela e Guiana Britânica e aí observámos, diariamente, o mérito do índio.

E' trabalhador, sério, destemeroso, honesto e capaz. Elemento de real aproveitamento, torna-se ótimo auxiliar principalmente no nosso interior, interior longínquo, sertão bruto. Possuidor de uma energia sadia o caboclo não conhece fadigas e nem se furta ao trabalho. Frugal, êle entretanto é nas selvas amazonenses o plantador por excelência. As roças que por lá se encontram, são dele. O branco apenas lhe explora a plantação. Não planta, colhe a do bugre. E quando entende, expulsa-o das terras que cultivou para depois largá-las ao abandono. Daí as vinganças, justas e necessárias, numa terra sem lei e sem dono.

Os ingleses, na Guiana, mantêm uma faixa de terra destinada aos seus índios. Aí êles plantam, colhem e se beneficiam do seu trabalho.

Há um posto militar inglês, na margem direita do Tacutú, em frente da fazenda brasileira de São Salvador. Êste posto é comandado por um oficial, tendo um destacamento às suas ordens, e entre as suas obrigações sobreleva a da defesa do índio.

Um pouco acima há uma missão religiosa, onde os padres, obrigatoriamente aprendem o macuxí e pregam nesta língua, em suas festas.

Sempre que podem, atraem para o seu lado o bugre nacional. Êste vai, pois tem garantias e sossêgo. A situação do lado brasileiro melhorou muito com a chegada da Comissão de Limites, sob a chefia do Cmt. Braz Dias de Aguiar.

Êste ilustre chefe militar tomou a si o encargo de zelar pelos nossos caboclos e neste sentido deu ordens severas aos seus auxiliares.

A comissão vem encontrando no selvícola eficaz cooperador e mais uma vez fica a Nação a dever serviços aos nossos irmãos das selvas.

Já no tempo colonial, o bugre colaborava com o branco, não obstante as injustiças de que era vítima. Vieira, em páginas de fogo, descreve-lhe os tormentos e os suplícios. E no entanto êle está sempre presente nos pontos mais culminantes da defesa do País.

Heróico, bravo, êle foi colaborador apreciável em relevantes momentos. Astucioso, inteligente, tendo a bússola nos olhos, quantas vezes não levou o branco à Vitória, por ínvios caminhos, só dele conhecidos ou percebidos.

Rondon, — o benemérito da Pátria — tem sido um denodado defensor do selvícola nacional pois conhece como ninguem as suas mais apreciáveis e vigorosas características raciais.

O "Serviço de Proteção aos Índios", também não poupa esforços nem recua diante de nenhum sacrifício no sentido de ver, quanto antes, transformado em palpitante realidade, o humanitário e patriótico ideal de seu ínclito fundador.

Outros defensores dos índios e seus melhores catequisadores são os jesuitas. A obra dêstes padres é simplesmente notável. Para êles, e êste é o ponto que sobreleva a todos — civilizar não significa explorar nem maltratar, mas educar, aprimorar qualidades, incutir a fé. E foi com a fé que êles venceram e vencem. E o Brasil nasceu da fé, afirmou, com razão, Paulo Setubal.

A luta sustentada pelos missionários, em prol do indígena, começou com a descoberta de Cabral. E' da alvorada da Pátria. Luta tremenda, desafiando toda a sorte de interesses, o homem poderoso e perverso, a sua ganância, a sua obstinação acintosa, os seus pendores desalmados, a arrogância com que desobedeciam a ordens de governadores e cartas régias, presos unicamente à idéia de se afundarem pelas florestas e de lá trazerem o índio escravizado. A tudo, porém, os vigários de Cristo venceram; e ainda estão vencendo os resquícios daquela daninha e feroz mentalidade, fruto de uma época de despotismo.

No humilde trabalho que publicamos, em 1934, sôbre "As Fronteiras do Setc Norte", frizámos: "Basta que se procure conhecer a história, iminentemente cristã e civilizadora dos padres, no Amazonas, Goiás e Mato Grosso, o que êles tem feito por êsses infelizes habitantes de nossas matas e os resultados obtidos, para se poder afirmar, sem medo de errar, que os nossos bugres são merecedores de proteção oficial. Bem andaria o govêrno se entregasse àqueles padres, definitivamente, a catequese dos nossos indígenas".

Ainda hoje, mantemos o mesmo juízo. Talvez aumentado.

Um dos mais destacados escritores de geração moderna, o Snr. Jorge de Lima, há pouco, escrevendo sôbre as missões, disse: "As

missões concedem-nos, além de bens espirituais de toda a sorte, uma geografia, uma consciência geográfica, fenômeno muito mais importante que a simples caracterização da descoberta topográfica”, e falando dos missionários, esclarece: “...o pioneiro cristão sabe de antemão que não encontrará esmeraldas nem veios de ouro, mas a insalubridade do clima, os animais ferozes, o alimento escasso e a obrigação das longas caminhadas”.

Não se pode ser mais justo e nem reconhecer com mais critério a obra formidável, já realizada e por realizar, dos abnegados sacerdotes, que viveram ou vivem em nossas matas, procurando nosso caboclo, criando-lhe o físico e o moral, dando-lhe instrução, trabalho e sobretudo a consciência de que é filho legítimo de uma grande Pátria, onde não há lugar para o infame preconceito de raças. E o índio bem merece essa dedicação, êsse sacrifício imenso.

Por isso é digna de encômios a idéia em vias de realização, e estamos convencido que Casa do Índio não será um arsenal de flechas, arcos e bugigangas feitos na capital e mostrados como peculiaridades da vida indígena; um depósito de fotografias inexpressivas ou falsas; um armazem de burocratas ineptos, mas um instituto de pesquisas, onde se estude seriamente a vida, religião, costumes, língua, artes do selvícola, e de onde seja difundida a nova e patriótica mentalidade, antítese da primitiva, da necessária e útil integração do indígena na vida brasileira, como faz a Bolívia, inteligentemente, com o seu bugre. Não devem faltar à Casa ós conselhos e as experiências dos missionários e deverão ser êles, pelo exemplo e pela doçura, pela suavidade dos métodos, pela bondade da fé, os eleitos para trazerem até nós, pelas suas mãos cristãs e dignas, o homem das selvas para o trabalho civilizado.
